

# VIDEOBRASIL CRESCE EM QUALIDADE

**A 12.ª edição do evento, que será realizada em setembro, exhibe o melhor da videoarte criada por 69 artistas**

A 12.ª edição do Videobrasil, que será aberta ao público em 22 de setembro, reserva boas surpresas. Com 69 candidatos oficiais – que foram escolhidos em meio aos cerca de 300 trabalhos inscritos –, o festival exhibirá o melhor da videoarte feita nos países em desenvolvimento nos últimos dois anos e estimulará essa produção distribuindo prêmios no valor total de R\$ 17 mil.

Segundo a idealizadora e curadora do Videobrasil, Solange Farkas, o evento cresceu em qualidade, apesar de já ter registrado um número maior de participantes anteriormente. Outro aspecto interessante é que este ano a mostra não ocorre apenas no Sesc Pompéia, mas também nas unidades de Vila Mariana e Ipiranga.

Uma das vitórias comemoradas pela organizadora é a melhora significativa da produção brasileira de animação. “Foi uma agradável surpresa”, diz. Apesar de criadas a partir de imagens virtuais e computadorizadas (10% dos trabalhos do Videobrasil não são mais em vídeo, mas em CD-ROM), as novas produções têm um forte caráter experimental.

Um exemplo interessante desse ti-



‘Bridge of Hesitation’, de Alan Schacher, um dos trabalhos selecionados

po de trabalho é *Catalise*, animação produzida totalmente em computador pelo paulista Carlos Eduardo Nogueira. Ou o angustiante *Number*, uma crítica contundente do peruano Ivan Esquivel ao controle da tecnologia sobre nossas vidas.

Outro aspecto curioso na seleção dos filmes da 12.º Videobrasil é o fato de a maioria dos filmes trabalha-

rem com questões incômodas e angustiantes. “Essas questões são recorrentes na videoarte dos anos 90, que assumiu um caráter hipersensorial”, explica Solange. Obras como *Carlos Nader*, dele próprio, ou *Sleep*, da australiana Marilyn Fairskye, são extremamente impactantes.

Fazendo uma espécie de auto-retrato, Nader acaba mergulhando nu-

ma viagem filosófica e coloca em discussão o que realmente define a identidade de alguém.

Já *Sleep* propõe um mergulho no inconsciente, a partir de imagens e sons angustiantes como olhos que parecem bichinhos doces mas são constantemente incomodados por uma mão que insiste em alimentá-los.

Mas nem só de angústias existenciais vive a videoarte neste fim de século. Também começam a surgir em várias partes do mundo, trabalhos de cunho mais político, que de certa forma revelam como os artistas se relacionam com conflitos externos a ele. “Antes disso cabia aos documentaristas e a videoarte passava um pouco ao largo dessas questões”, afirma a curadora.

O vídeo israelense *My Collected Silences*, de Doron Solomons, deixa qualquer um sem fôlego. Trata-se de uma sucessão aparentemente interminável (mas que dura menos de 4 minutos) de pessoas que não conseguem respirar, falar ou encarar a câmara de frente, desviando o olhar com jeito envergonhado e, acima de tudo, impotente diante da realidade.

**Maria Hirszman**